



## A lógica do não-todo, o real e o feminino

### **Tania Coelho dos Santos**

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)  
Professor Associado, nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/ UFRJ  
(Rio de Janeiro, Brasil)  
Pesquisadora do CNPQ nível 1 C (Brasil)  
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL  
(Rio de Janeiro, Brasil)  
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e  
da Associação Mundial de Psicanálise  
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (Brasil)  
E-mail: [taniacs@openlink.com.br](mailto:taniacs@openlink.com.br)

Cristina Moreira Marcos parte de que a noção do não-todo lacaniano tem um valor crítico em relação ao universal. Busca interrogar se as fórmulas lógicas da sexuação engajam um outro posicionamento em relação à teoria e à clínica requeridos pela psicanálise. Como as fórmulas da sexuação viriam modificar o manejo clássico do conceito e as relações entre o par teoria e prática? Privilegiando a noção do não-todo, Lacan questiona tanto a universal afirmativa quanto a universal negativa. As particulares existenciais afirmativas e negativas não são mais parcelas das verdades universais. Elas valem na medida em que rejeitam a universalidade que pretende governá-las. O caso clínico em psicanálise leva em conta a lógica do singular, a partir da qual podemos nos distanciar das classificações identificatórias. O que se apresenta em cada caso como não remetendo à identificação no campo do Outro revela o real em jogo na prática clínica.

Maria Elisa Goduardo Campos discute o problema da classificação diagnóstica entre a norma e a subjetividade ou entre a lógica do todo e a do não-todo. Apresenta as contribuições de Georges Canguilhem sobre a noção de norma, o que permite ler a crescente busca contemporânea pelas classificações. A transmissão do referido médico e também a de Foucault, seu orientando, servem como substrato para verificar que os manuais diagnósticos atuais cada vez mais se sustentam na tentativa de normatização e enquadramento dos sujeitos. Após percorrer o legado deixado por Canguilhem, buscando contextualizá-lo, o artigo questiona essa tendência normativizante, através de uma leitura psicanalítica que inclui o dado da subjetividade. Esta leitura coloca em evidencia a relevância clínica de se levar em conta exatamente o que está fora da norma e que pode se referir a um modo particular de gozo.

Nádia Laguardia de Lima entra no tema do não todo lacaniano apresentando uma reflexão sobre os escritos de amor produzidos por adolescentes nas redes sociais da internet. Interroga se eles seriam a nova versão do amor cortês na contemporaneidade. Para fazer essa discussão, busca-se compreender a função do amor no despertar da adolescência. Em seguida, localiza

historicamente o surgimento do amor cortês na cultura e analisa sua função subjetiva, a partir das elaborações de Lacan sobre o tema. Finalmente, apresenta uma reflexão sobre as incidências do discurso capitalista sobre o amor. Conclui que é possível identificar, nos escritos de adolescentes, algumas características do amor cortês na atualidade. Nos três registros do amor – simbólico, imaginário e real – são identificadas diferentes funções dos escritos de amor cortês para os adolescentes.

Márcia Infante Vieira reconhece que a psicanálise entrou no social nos anos de 1950-1960, introduzindo nele o feminismo e a lógica do não todo. A igualdade de direitos entre os sexos foi bandeira de luta do feminismo. A família patriarcal, organizada sob um eixo vertical, horizontalizou-se. Esta mudança desestabilizou os referenciais que definiam os papéis dos homens e das mulheres no casal, configurando novas subjetividades e plantando uma demanda de análise. Hoje não encontramos mais as histéricas de Freud, mas mulheres 'bem sucedidas' sofrendo de solidão. Segundo os relatos clínicos, essas mulheres parecem acreditar no fato de que os homens atuais sentem-se ameaçados por elas. Na medida em que foram se emancipando, libertando-se da submissão imposta pela autoridade masculina, conseguindo reconhecimento profissional, independência financeira, chegando por vezes, a ganharem mais do que os homens, e com autorização interna de viverem livremente suas vidas sexuais, essas mulheres deixaram de ser eleitas como esposas.

Erló Alexandrino Neto considera que a clínica psicanalítica no século XXI apresenta configurações distintas da clínica de Freud: outro laço social, outras subjetividades e novas discussões diagnósticas que nos remetem ao Outro que não existe e à lógica do não-todo. Uma excelente referência teórica nesta problemática são os cursos de orientação lacaniana da *Association Mondiale de Psychanalyse*, ministrados por Jacques-Allain Miller. Em um deles, Miller afirma que é possível encontrar no último ensino de Lacan subsídios para concluir que o analista é o *proton pseudos* da psicanálise. Neste artigo, o autor efetua a leitura dos últimos seminários de Lacan (em especial *O sinthoma*) e não encontra nenhuma fórmula que, fora de contexto, pudesse garantir inequivocamente esta assertiva. Diferentemente da orientação *para o real* proposta por Miller, foi encontrada a orientação *do real*. Esta diferença motivou um trabalho de pesquisa que acompanhasse o estatuto do analista em Freud e em Lacan e construísse este percurso até as últimas elaborações lacanianas.

Maria Josefina Medeiros e Maria Elisa Campos buscam trazer o caso de Henri Desiré Landru, um assassino em série acusado e condenado por matar onze pessoas no final do século dezenove. Nessa retomada, resgatam a construção diagnóstica e clínica, circunscrevendo o elemento irônico bastante presente no caso. Buscam evidenciar que a ironia neste e em muitos casos pode ser abordada como um índice e também como um recurso na clínica das psicoses. Demonstram que a ironia, ao surgir em casos de homicidas violentos, é muitas vezes interpretada apenas como um sinal de frieza do criminoso, levando, não raro, a diagnósticos nos quais a psicose é desconsiderada, como na psicopatia ou no transtorno de personalidade antissocial.

E, finalmente, Letícia Mello aborda a relação entre o não todo pela via do tema da invenção. Parte da noção do *savoir-y-faire* com o real proposta por Lacan ao final de seu ensino e faz um paralelo entre a invenção artística e a invenção analítica. Inventar algo com o real enquanto letra implica na criação de um artifício para lidar com a impossibilidade de tudo dizer e tudo representar. Entretanto, as operações artísticas não fazem do sujeito um artista do mesmo modo como a conclusão de uma análise não forma um artista. A diferença entre os mecanismos de criação artístico e analítico merece neste artigo uma consideração muito especial.

A resenha do livro: Os corpos falantes e a normatividade social (Coelho dos Santos, T. et al – Cia de Freud, 2014) redigida por Andrea Martello, revela toda a atualidade da discussão acerca dos efeitos da lógica do não-todo seu correlato – o Outro que não existe – nos impasses contemporâneos do laço social.

A equipe de aSEPHallus agradece a colaboração dos autores e deseja a todos os seus leitores bom proveito.